

# A intercompreensão de línguas românicas: proposta propulsora de uma educação plurilíngue

## *Intercomprehension romance languages: driving a plurilingual education proposal*

Selma Alas MARTINS<sup>1</sup>

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN)

**Resumo:** A intercompreensão das línguas românicas se apresenta como um novo paradigma de ensino-aprendizagem de línguas, procurando desenvolver competências estratégicas que podem favorecer a compreensão através de uma reflexão sobre o funcionamento de línguas aparentadas. A implementação de tal abordagem plurilíngue no contexto educacional brasileiro, principalmente na educação básica, pode contribuir para que os aprendizes desenvolvam conhecimentos linguísticos e pragmáticos, como também pode colaborar para o desenvolvimento de suas potencialidades enquanto indivíduos. A universidade e os cursos de formação de professores têm, assim, papel fundamental para validação e expansão desta prática.

**Palavras-Chave:** Intercompreensão de línguas românicas. Abordagem plurilíngue. Educação básica

**Abstract:** Intercomprehension of Romance languages is presented as a new paradigm for language teaching and learning, seeking to develop strategic skills that can foster understanding through a reflection on the functioning of related languages. Implementing such plurilingual approach to the Brazilian educational context, especially in basic education, would help students to become aware of the linguistic and pragmatic knowledge, also contributing to the development of their potential as individuals. Thus, the roles of university and teacher training courses are essential for validation and expansion of this practice.

**Keywords:** Intercomprehension of the romances languages. Plurilingual approach. Basic education.

## 1 INTRODUÇÃO

Diante das mudanças culturais, sociais, econômicas e geopolíticas que o mundo enfrenta neste novo milênio, é eminente a necessidade de se relacionar com outros povos, conhecer novas culturas e, mais do que isso, estar disposto a aprender línguas. No campo educacional, muitas promessas e propostas surgem a fim de atender às demandas sociais.

Há alguns anos, percebe-se no contexto brasileiro, um aumento significativo de escolas com propostas bilíngues – todas privadas<sup>2</sup> –, centradas, basicamente, no ensino da língua inglesa. A cidade de Natal não foge à regra, uma vez que assistimos, atualmente, à defesa do ensino bilíngue precoce, com base na premissa de que as crianças têm mais facilidade para aprender e que possuem maior plasticidade das conexões neurais. Percebe-se, no entanto, que a oportunidade de acesso ao bilinguismo é reservada às crianças de classes socioeconômicas mais elevadas, com condições de pagar por um ensino diferenciado.

Em suas propostas pedagógicas, grande parte das escolas não procura proporcionar o convívio de duas línguas, estabelecendo relação e correspondência entre elas, de forma a estimular a negociação de sentido. Trata-se, principalmente, de uma visão

---

<sup>1</sup> Doutorado em Educação pela FEUSP. Professora de Língua Francesa do Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras Modernas- DLLEM e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem- Ppgel. selmaalas@gmail.com

<sup>2</sup> Citamos, como exemplo de raras exceções, o projeto "Dupla Escola" da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro que procura promover educação integral em algumas escolas públicas, com a possibilidade, inclusive, de se ter acesso a ensino bilíngue, em outras línguas, além da inglesa.

© Revista Moara, n.42, jul.-dez. 2014, Estudos Linguísticos. ISSN 2358-0658 (Impresso).

Programa de Pós-Graduação em Letras / Universidade Federal do Pará. Todos os direitos reservados.

monocentrada e homogênea da língua (CASTELLOTTI, 2008), contrariamente à proposta dos documentos oficiais para a educação no novo milênio.

Segundo o documento de referência para a educação brasileira (PCNs), o ensino de língua estrangeira é considerado como parte integrante da formação do aluno, devendo contribuir para o desenvolvimento de seu espírito crítico, assim como apresentar uma visão de mundo plural, com diferentes valores culturais, em mundos organizados diferentemente, devendo constituir a aprendizagem de língua estrangeira, uma forma de agir no mundo para transformá-lo.

A ausência dessa consciência crítica, no processo de ensino e aprendizagem reforça a manutenção do *status quo*, ao invés de cooperar para sua transformação. A língua estrangeira deve contribuir para o desenvolvimento da consciência de uma civilização planetária, promovendo uma educação para cidadania integral, compreendida como “cidadania ativa e plena, não apenas nos direitos sociais, políticos, culturais e institucionais, mas também, econômico-financeiros” (GADOTTI, 2000, p.79). Nesta linha de educação integral, de aprendizagem para a vida, seguem diferentes documentos oficiais, promovendo um ensino de línguas muito além de regras gramaticais, exercícios estruturais e repetição de frases vazias de sentido.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – em sua proposta de elaboração de programas de línguas – trata da importância da aquisição de conhecimentos (saber), de como utilizá-lo (saber-fazer), do que fazer com o conhecimento adquirido para o crescimento individual e coletivo (saber-ser), da importância da participação ativa e colaborativa no aprendizado (saber-aprender). A educação é vista como bússola que permite navegar por esse mundo tão complexo (DELORS, 1996), propondo pilares para a educação do século XXI, baseada em um aprendizado que promova o conhecimento (aprender a conhecer), a utilização do conhecimento adquirido (aprender a fazer), o desenvolvimento integral das potencialidades do indivíduo (aprender a ser) e o (aprender a viver junto), que corresponde ao desenvolvimento do respeito pelo outro, da construção colaborativa de conhecimento. Esses pilares devem ser trabalhados de forma articulada, com o objetivo de promover a formação integral do cidadão. Com ênfase numa educação significativa, o olhar desses documentos está voltado para a construção de conhecimentos pertinentes, para o (re) aprender a nossa própria condição humana, de nossa própria identidade terrena, com base no ensinamento da compreensão, diálogo e conhecimento, de forma a interagir com o outro, com respeito às suas diferenças culturais e identitárias (MORIN, 2000).

Sendo assim, vale refletir sobre se a proliferação de escolas bilíngues no Brasil, não estaria contribuindo para encorajar aprendizes de minoria linguística a assimilarem língua-cultura de sociedades majoritárias, reforçando a instrução na promoção de apenas uma língua estrangeira. Um modelo de ensino-aprendizagem, baseado no desenvolvimento de uma consciência plurilíngue, não estaria mais adaptado às necessidades educacionais brasileiras? Ao analisarmos os documentos oficiais e – seguindo nossa convicção – ao pensar em ensino de línguas, visando à apresentação de uma visão de mundo plural, em nome do desenvolvimento de uma consciência intercultural, acreditamos ser de mais valia para as escolas brasileiras, uma proposta de ensino plurilíngue, de forma a oferecer oportunidades de descoberta de várias línguas e não a supervalorização de uma delas. Mudanças sociais clamam por mudanças de paradigma educacional e é neste cenário que a intercompreensão surge como proposta inovadora e propulsora de uma educação plurilíngue.

Nesse sentido é objetivo deste artigo apresentar o trabalho que vem sendo realizado em Natal, com foco na intercompreensão de línguas românicas, no que se refere ao ensino, à pesquisa e à extensão, com vistas à melhoria do ensino de línguas, principalmente na educação básica.

## 2 A INTERCOMPREENSÃO DE LÍNGUAS ROMÂNICAS

O conceito de intercompreensão tem várias definições (MELO; SANTOS, 2007). Seleccionamos para esse ensaio, a que nos aparece atribuir-lhe um sentido mais alargado, definindo-a como “desenvolvimento de capacidade de co-construção de sentido no encontro entre línguas diferentes e de fazer uso pragmático dessa capacidade numa situação comunicativa concreta” (CAPUCHO, 2004, p.86). Tal concepção favorece a existência e coexistência de cada um, abrindo espaço para o plurilinguismo e ao respeito pela língua do outro. Na dinâmica da intercompreensão, cada um faz uso de sua língua materna ou L1<sup>3</sup> para se fazer compreender., assim, a intercompreensão pode também ser definida como “uma forma de comunicação em que cada pessoa se exprime em sua própria língua e compreende a do outro” (DOYÉ, 2005, p.7). Há mais de vinte anos, projetos centrados na intercompreensão aparecem em diferentes apresentações: métodos, itinerários, suporte mediático presencial ou à distância. Dentre eles, merecem destaque o EuRom 4, um dos pioneiros programas científicos, coordenado por Claire Blanche Benveniste, integrado ao projeto LINGUA da Comissão Europeia, desenvolvido entre 1989 a 1997 na Universidade de Aix-en-Provence. Em seguida, Galatea, projeto do programa Socrates de 1991 a 1999, coordenado por Louise Dabène e pilotado pelo LIDILEM da Universidade de Grenoble 3. O trabalho com a intercompreensão procura desenvolver a competência de recepção (escrita e oral) e dar oportunidade para que a interação se estabeleça de forma mais confortável e confiante, exigindo esforço de todos, quebrando o bloqueio do medo e vencendo o sentimento de incapacidade que normalmente ocorre, quando se trata da comunicação em uma língua estrangeira. Consiste em uma aprendizagem integrativa, na medida em que se pode trabalhar uma ou várias línguas, assim como integrar à aprendizagem de língua, conteúdos de outras disciplinas do currículo escolar. O ponto de partida é a família de línguas: a partir de sua própria língua, o aprendiz segue em direção à compreensão de outras línguas vizinhas (ESCUDE, 2010). É incontestável que a opção de se trabalhar com diversas línguas, constitui um grande desafio didático-pedagógico, sendo mais complexo, mas uma dinâmica de valorização das línguas, inclusive da materna, seria percebida como um recurso cognitivo e não como um obstáculo ao processo de aprendizagem. Trata-se de desenvolver capacidades que possuímos, pois somos plurilíngues, na medida em que temos capacidade para aprender línguas e que a atitude para se aprender línguas é natural e está ao alcance de todos (BEACCO; BYRAM, 2007).

A intercompreensão de línguas românicas não pretende substituir ou concorrer com o ensino-aprendizagem convencional de línguas<sup>4</sup>. No contexto brasileiro, pode sensibilizar para descoberta de diferentes línguas, tipologicamente aparentadas à portuguesa, contribuir para a diversificação do ensino de línguas e fortalecimento das potencialidades dos aprendizes enquanto cidadãos.

## 3 A INTERCOMPREENSÃO NA UNIVERSIDADE

Ao revisarmos o papel da universidade e sua missão de apresentação de novos caminhos e tendências que correspondam às necessidades socioeducativas, a intercompreensão entra no palco das discussões sobre melhores estratégias de ensino, metodologias mais eficazes, materiais e livros didáticos, formação de professores etc., cabendo à academia e aos cursos de formação de professores, propor diferentes dinâmicas de aprendizado, a fim de responder a essas necessidades.

---

<sup>3</sup> Utilizamos LM e L1 como sinônimos, referindo-se à língua materna, primeira língua ou língua(s) da família.

<sup>4</sup> Por ensino-aprendizagem convencional, entenda-se aquele baseado nas quatro habilidades: compreensão e expressão orais e escritas.

Com o propósito de investir na formação de professores e na diversificação do ensino de línguas, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte incluiu, desde 2010, a disciplina, de caráter complementar, 'Intercompreensão de Línguas Românicas' na grade curricular do curso de Letras - licenciaturas em línguas francesa, inglesa, espanhola e portuguesa.

Grande parte de nosso alunado não teve uma escolarização diversificada no tocante ao aprendizado de línguas, o que nos motivou a propor a referida disciplina, Intercompreensão de Línguas Românicas, a fim de ajudá-los a desenvolver uma consciência plurilíngue e a percepção de suas capacidades de aprender línguas, com base nos conhecimentos que possuem em língua materna e em seus conhecimentos prévios, contribuindo para sua autovalorização, uma vez que em muitos aprendizes, a desmotivação pela aprendizagem de línguas, decorre da falta dessa percepção.

Na universidade, o trabalho é centrado na plataforma plurilíngue Galanet ([www.galanet.eu](http://www.galanet.eu)), que favorece interações entre aprendizes de universidades estrangeiras, ocasião em que o contato com diferentes línguas românicas e contextos culturais distintos, permite o desenvolvimento do saber-fazer, do saber-ser e a construção do saber em grupo, em uma dinâmica de aprendizagem cooperativa e colaborativa. O objetivo final do trabalho realizado na plataforma Galanet é a elaboração de um dossiê plurilíngue, a partir de um tema comum, votado pelas equipes inscritas na sessão.

Na disciplina de caráter híbrido – aulas presenciais e à distância – os aprendizes devem participar dos espaços oferecidos pela plataforma Galanet – fóruns, chats, espaço de autoformação e sala de recursos –, como também devem elaborar projeto de aprendizagem – compromissos com a disciplina; fazer reflexões sobre os passos da formação e sentimentos vivenciados com esse tipo de curso onde eles falam de seus medos, vergonha, projetos.

A prática da reflexão, frequente ao longo de todo o percurso, permite o desenvolvimento da capacidade metacognitiva, contribuindo, desse modo, para que o aprendiz se sinta corresponsável por sua aprendizagem, o que, por sua vez, favorece a autonomia. Ao dar a palavra ao aprendiz, poderemos obter pistas relativas à atividade mental que ele realiza, ajudando-o, assim, a avançar em sua aprendizagem, já que a dinâmica da intercompreensão faz com que os aprendizes realizem atividades de construção e desconstrução das línguas. A conscientização e o controle do processo são essenciais para que as estratégias utilizadas em busca da compreensão possam ser percebidas e transferidas para outras situações de aprendizagem ou de comunicação real.

Mesmo que as interações na plataforma sejam feitas em língua materna há sempre um receio de não se fazer entender pelo outro, principalmente no início dos trabalhos, assim como certo bloqueio em não compreender o outro. À medida, porém, que o grupo avança nas atividades propostas, sua motivação aumenta e diminui o medo do encontro com línguas desconhecidas (ALAS-MARTINS, 2011). A cada ano, o que podemos perceber é que participar da sessão Galanet é revelador para os aprendizes, na medida em que eles se dão conta de que são capazes de compreender outras línguas, sem as ter jamais estudado anteriormente. Esse momento de descoberta – curiosidade e abertura para o novo – só aumenta com o passar do tempo. Nosso papel, enquanto professor é o de ajudá-los a ter consciência de suas capacidades, promovendo o desenvolvimento das mesmas.

Além da disciplina oferecida para os cursos de licenciatura em Letras, desde 2012 incluímos o curso 'Plurilinguismo e Interculturalidade: francês, espanhol e italiano' – também baseado na didática da intercompreensão – no Instituto Ágora, centro de línguas da UFRN.

Nosso centro aceita inscrições apenas da comunidade acadêmica: professores, alunos e funcionários da UFRN, com exceção dos ligados a cursos de português para estrangeiros, que atendem a comunidade externa.

O curso de Plurilinguismo tem tido boa aceitação, mas é interessante notar que os alunos que procuram esse curso têm, na maioria das vezes, conhecimento de mais de uma língua românica, diferentemente, pois, do que ocorre com a disciplina de Intercompreensão, oferecida para os alunos de Letras que, em geral, recebe alunos com conhecimento apenas do português, ou de uma outra língua românica.

A seguir trataremos da produção científica realizada no programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem-Ppgel (UFRN), com foco na intercompreensão de línguas românicas.

#### 4 AS PESQUISAS EM INTERCOMPREENSÃO

Seja como estratégia socioafetiva, como dinâmica de diversificação e dinamização das aulas de línguas, materna como estrangeira, seja como meio de aquisição de novos conhecimentos as pesquisas em intercompreensão vêm ganhando espaço no nosso programa de Pós-Graduação, colaborando para validar as vantagens de uma educação plurilíngue no contexto brasileiro, nas aulas de inglês, português, espanhol e curso profissionalizante.

Após constatar o desinteresse e o baixo desempenho dos alunos nas aulas de língua portuguesa, Souza (2013) procurou verificar se uma abordagem plurilíngue por meio da intercompreensão poderia melhorar a motivação dos alunos e trazer benefícios para a compreensão de textos em língua portuguesa, uma vez que as estratégias de leitura utilizadas na compreensão de textos em italiano, francês e espanhol, poderiam ser transferidas para a leitura-compreensão de textos em língua portuguesa. Assim elaborou uma pesquisa ação, com alunos de 9º ano (entre 13 e 15 anos) de uma escola estadual de Natal, a partir da inserção da disciplina Intercompreensão de Línguas Românicas, durante um semestre do ano letivo de 2011. As duas turmas que participaram da pesquisa (TB e TC) foram selecionadas pelo menor grau de rendimento e irregularidade de notas. Uma terceira (TA) denominada turma de controle, não recebeu a nova metodologia, ou estímulo, para ulteriores comparações com as turmas atuantes na pesquisa. TA contou com cinco aulas semanais de língua materna, e nenhuma de intercompreensão, enquanto as TB e TC tiveram a carga horária de língua materna reduzida para quatro aulas semanais, mas tiveram uma hora de aula da disciplina de intercompreensão de línguas românicas.

Para a geração de dados o pesquisador elaborou um caderno de atividades plurilíngue (textos em francês, italiano e espanhol) com gêneros similares àqueles trabalhado no livro didático de língua portuguesa. O caderno de atividades plurilíngues contava também uma parte de exercícios de compreensão e de reflexão sobre as estratégias empregadas na busca pela compreensão dos textos em língua estrangeira. Além do caderno de atividades foram realizados questionários, anotações, aulas de campo, vídeo aulas, filmagens e atividades escritas.

Ao proceder à análise dos dados quantitativos e qualitativos percebeu que os grupos experimentais, turmas B e C, apresentaram instabilidades quanto ao número de alunos com notas abaixo da média antes da intervenção da disciplina de intercompreensão. Durante o segundo semestre do ano letivo, fase de intervenção da intercompreensão, apresentaram progressão significativa, a ponto de as notas se equipararem com a turma de controle.

Certamente os resultados animadores dessa pesquisa serviram de motivação para que novos estudos surgissem no âmbito de nosso programa de pós-graduação, centrados na intercompreensão contribuindo para a melhoria do ensino de línguas nas escolas públicas de Natal.

Na busca por caminhos que instiguem o interesse dos estudantes do 8º ano do ensino fundamental pela leitura de textos literários, uma professora-mestranda<sup>5</sup> introduziu

---

<sup>5</sup> Carmélia Pereira de Lima, mestranda do programa de pós-graduação em Estudos da linguagem- início 2013.

textos plurilíngues de clássicos da literatura nas aulas de língua portuguesa. Os excertos foram extraídos de obras representativas das línguas românicas selecionadas para o estudo, – italiano, francês e espanhol –, considerando-se também para a escolha dos textos, trechos que contivessem número relevante de cognatos e que trouxessem temas que pudessem favorecer a discussão e reflexão em classe, com vistas a contribuir para a formação dos aprendizes, com idade de 14 a 16 anos. As obras selecionadas foram: “D. Quixote de la Mancha” de Cervantes (em espanhol e português); “O pequeno príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry (francês e português) e “Pinóquio” de Carlo Collodi (italiano e português). Além do aprendizado de estratégias de leitura e da aquisição de conhecimento linguístico, os aprendizes foram incitados a buscar conhecimento sobre a vida dos autores e sobre as características do gênero estudado, assim como a refletir sobre conflitos vividos pelos personagens, que são eles, universais: a coragem de ir atrás dos seus sonhos, como em Dom Quixote; a necessidade de cativar o outro para a amizade, o companheirismo e a aceitação, como no Pequeno Príncipe e, por fim, o enfrentamento de desafios necessários para o nosso crescimento e a causa e consequências de nossas ações, princípio visto em Pinóquio. Assim o texto literário traz sua contribuição para a formação dos aprendizes.

Resultados preliminares, obtidos por meio de entrevistas, questionários e anotações do pesquisador, apontam para um aumento significativo do interesse dos aprendizes pelas aulas de literatura e pela leitura de textos literários, inclusive pelo desejo de alguns, de ler a obra na íntegra.

Curiosa por compreender a origem da baixa autoestima dos aprendizes do 5º semestre do curso integrado de Sistemas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, outra professora-mestranda<sup>6</sup> adotou a abordagem plurilíngue como estratégia socioafetiva, após ouvir depoimento dos aprendizes, considerando-se incapazes de aprender a língua inglesa.

Constituem instrumentos de geração de dados: questionários e entrevistas no início e ao final das atividades, anotações de campo e os relatos dos alunos sobre seus sentimentos em relação à atividade plurilíngue, ao longo do processo de aprendizagem e realização da pesquisa, que se encontra em seu primeiro ano.

As atividades plurilíngues foram planejadas em três sequências didáticas (SD), a primeira sequência, equivalendo a 10h/aula, a segunda a 20h/aula e a terceira a 10h/aula. Neste momento a pesquisa se encontra na primeira fase- SD1 que corresponde à sensibilização para as línguas, à identificação e valorização dos conhecimentos prévios dos aprendizes nas línguas do projeto- italiano, espanhol, francês e inglês. Na SD2, serão trabalhados textos com temas comuns nas quatro línguas do projeto, em que se pretende explorar a familiaridade entre as línguas e valorizar seus conhecimentos linguísticos e de mundo, assim como promover o desenvolvimento de estratégias de leitura. Na SD3, serão trabalhados somente textos em inglês, esperando-se que as estratégias utilizadas para a compreensão dos textos em francês, italiano e espanhol, bem como a percepção em relação a esses conhecimentos prévios e com o apoio na língua materna, o português, sejam transferidas em benefício da compreensão de textos na língua inglesa.

Diante da boa aceitação e repercussão do trabalho realizado na universidade, surgiu a necessidade de expandirmos a dinâmica da intercompreensão para além da comunidade acadêmica.

---

Título provisório da dissertação: A intercompreensão de Línguas Românicas no ensino fundamental: articulando plurilinguismo e educação em uma proposta para a leitura literária em sala de aula.

<sup>6</sup> Janaína de Oliveira: mestranda do programa de pós-graduação em Estudos da linguagem- início 2014. Título provisório da dissertação: A intercompreensão de Línguas Românica nas aulas de inglês: alavanca para a valorização dos conhecimentos prévios e autoestima dos aprendizes

## 5 A INTERCOMPREENSÃO NOS PROJETOS DE EXTENSÃO

Uma vez obtidos efeitos positivos da intercompreensão com estudantes universitários, perguntamo-nos, por que não se começar mais cedo a trabalhar com a intercompreensão de línguas românicas? Por que reservar esse privilégio ao contexto universitário?

Isto porque a intercompreensão, quando trabalhada nos primeiros anos de escolaridade, pode constituir um meio de se introduzir dimensões fundamentais no âmbito da educação geral da criança: dimensão técnica e estratégica, pela possibilidade de evidenciar as capacidades das crianças de lidar com conteúdos linguísticos, com base nos conhecimentos da linguagem; dimensão pessoal e formativa: o contato com línguas e culturas diferentes pode aumentar a percepção da criança sobre si mesmo e os outros, sobre suas representações e atitudes, estereótipos e valores; pode ainda, despertar suas potencialidades, o que contribui para melhorar a motivação para interagir com outras línguas e outros povos. (ANDRADE; PINHO; SANTOS, 2010).

Partindo do objetivo de se evidenciar a importância de uma proposta de educação plurilíngue, centrada na intercompreensão, para as escolas públicas municipais de educação básica de Natal, elaboramos o Projeto de Ações Integradas '*A intercompreensão de Línguas Românicas: aprendizagem sem fronteiras*', considerando que uma proposta plurilíngue e intercultural pode contribuir, principalmente, para a diversificação do ensino de línguas de nossas escolas e para o aumento e melhoria do potencial cognitivo das crianças (ALAS-MARTINS, 2010). A proposta de se trabalhar a intercompreensão nas escolas públicas de ensino fundamental procura integrar a aprendizagem de línguas a outros conhecimentos que os aprendizes possuem, de forma a valorizar seus conhecimentos prévios e assim tornar a aprendizagem mais significativa, facilitando, assim, a integração de novos conhecimentos, necessários para a formação das crianças. Temos, também, como objetivo, diversificar e dinamizar o ensino de línguas, nas escolas de educação básica, propondo um trabalho colaborativo entre universidade e professores da rede pública.

Na dinâmica da intercompreensão, a construção do sentido do que leem ou veem, fica facilitada, pois os aprendizes fazem uso de novas operações mentais com base no conhecimento prévio que possuem na L1 e de sua aprendizagem ao longo da vida, uma vez que esta se faz partindo-se dos conhecimentos declarativos e procedurais que possuem na LM e em outras línguas de seu conhecimento.

Para realização do projeto, propusemos a inserção da Intercompreensão de Línguas Românicas, junto a crianças de 10 anos (em média), do 5º ano, portanto, em escolas municipais de Natal. Inicialmente (2012) trabalhamos com alunos de quatro escolas municipais, de quatro zonas do município de Natal. Em 2013, o projeto foi ampliado para seis escolas. Na versão de 2014, iremos introduzir aulas de intercompreensão, também no 6.º ano, a fim de dar continuidade ao trabalho realizado no 5.º ano. Durante uma hora semanal, as crianças têm contato com fábulas em espanhol, francês e italiano, músicas e atividades plurilíngues por meio do suporte 'Itinerários Românicos' (<http://dpel.unilat.org/DPEL/Creation/IR/index.fr.asp>), concebido e elaborado pela União Latina, que apresenta histórias, contos, jogos e exercícios nas seis línguas dos Itinerários: romeno, italiano, português, francês, espanhol e catalão. Em nosso projeto, damos maior ênfase às línguas francesa, italiana, portuguesa e espanhola. As aulas são ministradas pelos bolsistas – alunos da universidade – e contam com a presença do professor polivalente, responsável da turma.

A partir dos resultados obtidos com este estudo, pretendemos expandir a prática da intercompreensão para as demais escolas municipais. A longo prazo, esse tipo de trabalho pretende contribuir para o enriquecimento linguístico e cultural das crianças de meio menos favorecido, como também pretende contribuir com o enriquecimento e melhoria do ensino nas escolas públicas.

No Brasil, como exemplo de projeto que tinha como ponto de partida a familiaridade das línguas e visava à melhoria do ensino de línguas, destacamos, o projeto Bivalence (1994-1996)<sup>7</sup>, que procurou provocar reflexões linguísticas e metodológicas entre o ensino-aprendizagem do português língua materna e o francês língua estrangeira, com o intuito de dinamizar o ensino de línguas nas escolas públicas brasileiras.

É certo que o contato e a inter-relação com outras línguas-culturas permitem a descoberta do outro, de si, e de suas potencialidades, o que nos motiva a expandir cada vez mais a didática da intercompreensão. Nesse sentido é fundamental que se invista na formação de professores.

Com essa preocupação, organizamos, em 2013, o Colóquio Internacional de Intercompreensão de Natal, que contou com a presença de estudiosos estrangeiros, falando em suas respectivas línguas e encantando os cerca de 300 participantes, na grande maioria, professores da rede pública municipal, maravilhados ao perceberem que conseguiam compreender e participar das oficinas com muito mais facilidade do que pensavam.

Tanto os universitários, ex-alunos da disciplina Intercompreensão de Línguas Românicas, quanto professores da educação básica, colegas e interessados em geral são convidados a participar das sessões de formação em didática da intercompreensão, pela plataforma Galapro<sup>8</sup> ([www.galapro.eu](http://www.galapro.eu)). Trata-se de desenvolver saberes e saber-fazer sobre a intercompreensão, competência plurilíngue e tecnologia de informação e comunicação (TIC), com vistas a ações profissionais, em uma perspectiva colaborativa, com base na interação.

A formação de professores incide na difusão da intercompreensão e as pesquisas lhe atribuem credibilidade. Todos esses elementos conjugados contribuem para que a didática da intercompreensão ocupe o espaço que lhe é merecido.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade precisa estreitar a relação com a sociedade, precisa (re) situar seu papel na definição e resolução dos problemas sociais, investir em programas de extensão, não como ações pontuais, movidas por atividades rentáveis, mas com propostas a longo prazo, ações longitudinais. Daí a necessidade de vinculação da universidade com a educação básica.

O objetivo do trabalho com a intercompreensão nas escolas públicas de Natal, junto com os professores da rede municipal de ensino é o de construir coletivamente (comunidade universitária e professores de educação básica) novos saberes que possam orientar novas práticas. É levar conhecimento que a comunidade científica produz para além da universidade e, por outro lado, trazer para dentro da universidade novos agentes e conteúdos, revelando uma dimensão mais real do processo dialógico do ensinar e do aprender. Perspectivas estão sendo abertas em nosso programa de pós-graduação (Ppgel), tendo a intercompreensão como tema e as salas de aulas de intercompreensão como laboratório. Por mais que se evidenciem vantagens da didática da intercompreensão, nem sempre é fácil colocá-la em prática. As pesquisas empíricas validam as vantagens do ensino da intercompreensão, porém são, na maioria das vezes, conduzidas por professores e/ou pesquisadores, familiarizados com a didática da intercompreensão (MEISSNER, 2010). Muitos professores, por mais que fiquem fascinados em contato com a intercompreensão,

---

<sup>7</sup> Cf. Etudes de Linguistique Appliquée (ELA) n. 121, 2001. Didactique Intégrée des langues: l'exemple de la « bivalence » au Brésil.

<sup>8</sup> A plataforma Galapro é coordenada pela profa Maria Helena Araújo e Sá da Universidade de Aveiro-Portugal. As formações têm se realizado, regularmente, entre outubro e dezembro.

ainda têm receio de inovar e preferem permanecer com suas preocupações habituais de ‘passar’ o conteúdo e dar ‘boas’ aulas de gramática, talvez por acomodação, insegurança ou, como dissemos dificuldade de ousar e se abrir para o novo. Mesmo com certa dificuldade, o trabalho centrado na intercompreensão tem mostrado resultados profícuos, tanto na universidade, como no ensino fundamental, junto às escolas públicas municipais. Faz-se, portanto, necessária, a expansão desta prática, sendo um bom começo, a introdução da intercompreensão em cursos de formação de professores.

## REFERÊNCIAS

ALAS-MARTINS, S. Aquisição de saberes múltiplos: a plataforma Galanet na universidade. *REDINTER- Intercompreensão 2*, Chamusca, Edições Cosmos, p.61-72, 2011. Disponível em: <<http://redinter.eu/web/files/revistas/43intercompreensao2.pdf>>.

\_\_\_\_\_. L'intercompréhension de langues romanes au service de l'amélioration de l'enseignement de langues au Brésil. In: STREHLER, R; GOROWITZ, S (Coord.). **Synergies Brésil Especial 1**. São Paulo: Humanitas, 2010, p.104-117.

ANDRADE, A. I.; PINHO, A. S.; SANTOS, L. Trajectórias em torno da intercompreensão: possibilidades de formação para a autonomia. In: DOYÉ, P.; MEISSNER, F. J.(Ed.): **Lernerautonomie durch Interkomprehension: Projekte und Perspektiven / Promoting Lerner Autonomy through Intercomprehension: Projects and Perspectives / L'autonomisation de l'apprenant par l'intercompréhension: projets et perspectives**. Linden: Narr Verlag, 2010. p.173-192.

BEACCO, J. C. et BYRAM, M. Données et méthodes pour l'élaboration des politiques linguistiques. In: **GUIDE pour l'élaboration des politiques linguistiques éducatives en Europe**, Conseil de l'Europe, Division des Politiques linguistiques, Strasbourg, 2007. p. 45-69

CAPUCHO, F. Línguas e identidades culturais: da implicação de políticos e (socio) linguistas. In: SILVA, F ; RAJAGOPALAN, K. (Org.) **A linguística que nos faz falhar**. São Paulo: Unicamp, Parábola Editorial, p.83-87, 2004.

CASTELLONI, V. Au delà du bilinguisme: quelle place en France pour une éducation plurilingue ? In: BUDACH,G ; ERFURT, J. ; KUNKEL, M. (Dir.). **Sprache, Mehrsprachigkeit und sozialer Wandel 8- Ecoles plurilingues- multilingual schools :** Frankfurt am Main: Peter Lang GmdH, 2008. p. 169-189.

DELORS, J. (Coord) L'Éducation : un trésor est caché dedans. **Rapport à l'UNESCO de la Commission internationale pour le XXIe siècle**. Extrait de Former les acteurs du futur. Le Courrier de l'UNESCO, abril, 1996.

DOYÉ, P. **Guide for the development of language education policies in Europe: from linguistic diversity to plurilingual education**, (Reference study), Intercomprehension. Strasbourg: Council of Europe, 2005.

ESCUDE, P; JANIN, P. **Le point sur L'intercompréhension, clé du plurilinguisme**. Paris: Clé International, DLE, 2010.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Fundação Petrópolis, 2000.

MEISSNER, F. J. Vers la mise en pratique de l'intercompréhension comme stratégie autonomisante en classe de langue. In: CARRASCO PEREA, E. (Coord.). **Synergie Europe 5** Intercompréhension(s): repères, interrogations et perspectives. Revue du Gerflint, p.25-32, 2010.

MORIN, E. **Les Sept Savoirs nécessaires à l'éducation du futur**. Paris: UNESCO, 2000.

SOUZA, R. G. de. **Didática do plurilinguismo: efeitos da intercompreensão de línguas românicas na compreensão de textos escritos em português**. Tese [Doutorado em Linguística Aplicada]- Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

Recebido em 12/05/2014

Aprovado em 04/11/2014